

## As Diferenças nas Representações de Empregadas Domésticas/Mordomos em Novelas Brasileiras<sup>1</sup>

Licia Marta da SILVA PINTO<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

O presente artigo pretende analisar as diferenças de representações entre empregadas domésticas e mordomos em telenovelas brasileiras. A partir da análise de alguns personagens de telenovelas, abordaremos como os estereótipos dessas funções são marcados por marcadores gênero, raça/etnia e classe, ainda sustentados nesta profissão na sociedade brasileira. Para tal, serão utilizados autores que abordam os temas telenovelas, estereótipos e emprego doméstico.

### Palavras-chave

Representação; novelas; estereótipos; empregadas domésticas; mordomos.

### 1. Introdução

O serviço doméstico, com uma lógica historicamente construída no regime escravocrata no Brasil e bastante associado a divisão sexual de tarefas, ainda é prioritariamente constituído por mão de obra feminina. Segundo pesquisa realizada na Grande São Paulo, em 2014, pela Fundação Seade e pelo Dieese<sup>3</sup> a quantidade de mulheres exercendo esta profissão chegava a 96,5%, dentre estas, as de etnia negra representavam 52,6% do total, logo “as estatísticas ainda convergem para ao imaginário associado a essa profissão, historicamente ‘feminilizada’ e ‘racializada’.” (MACEDO, 2012, p. 12)

Para esta maioria, são destinadas principalmente as funções de diaristas, empregadas mensalistas ou babás, ou seja, ocupações que se destinam ao cuidados da casa e dos membros da famílias que requerem mais atenção como crianças e idosos. Já para os empregados homens, minoria nesse total, são destinadas tarefas como jardineiro, motorista ou mordomo, ocupações vistas como referentes ao âmbito masculino, que entram mais em contato com o mundo exterior de uma forma geral (a rua ou mesmo da própria casa).

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, e-mail: [liciams.pinto@gmail.com](mailto:liciams.pinto@gmail.com)

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2015/04/cresce-formalizacao-no-emprego-domestico-em-sp-mulheres-negras-sao-maioria-3713.html> Acesso em 29 de dezembro de 2015.

Essa ocupação profissional justamente por estar enquadrada num contexto domiciliar, acaba gerando assim uma relação ambígua entre empregadas(os) e patroas(ões), que promove muitas das vezes o afrouxamento ou mesmo apagamento de direitos trabalhistas importantes para as(os) trabalhadoras(es). Em sua pesquisa etnográfica com babás, Liane Braga da Silveira aponta esses dualismos ao citar que:

[...] a babá é um “estranho” que pode, se tornar mais ou menos familiar, “íntimo”. Estranho/familiar, proximidade/distância, igualdade/ hierarquia, autoridade/servilismo (subserviência), fidelidade/traição são alguns pares contraditórios que traduzem a ambivalência dessa relação [...] (SILVEIRA, 2014, p. 25)

Porém, nos últimos anos no Brasil, essa relação trabalhista vem sofrendo reconfigurações visto que as reivindicações por parte da categoria foram garantidas juridicamente. Em 2012, foi analisada pela Câmara a Proposta de Ementa à Constituição (nº478/2010), que previa 25 benefícios trabalhistas para a categoria, culminando, em 2013, na aprovação da PEC 66/2012, mais conhecida como PEC das Domésticas. Esta garantiu benefícios a categoria como: jornada diária de 8 horas e 44 horas semanais, pagamento de fundo de garantia, adicional noturno, seguro desemprego, horas extras, entre outros. E em 2015, foi promulgada como lei.

É importante ressaltar que essas mudanças foram recebidas com bastante ressalvas, em especial, pelos empregadores, reverberando diversas discussões sobre o assunto no espaço midiático em geral, inclusive no contexto de entretenimento. Novelas, seriados, ficções e documentários deram um enfoque maior a esse personagem social e até mesmo utilizaram essa relação trabalhista como tema principal de sua narrativa, como a novela *Cheias de Charme* exibida em 2012, no horário das 19h, pela Rede Globo.

No entanto, o empregado doméstico sempre esteve presente especialmente nas novelas, uma narrativa feita de forma seriada. Segundo Arlindo Machado, esta trata-se de um:

[...] tipo de construção [que] se diz *teleológico*, pois ele se resume fundamentalmente num (ou mais) conflito(s) básico(s), que estabelece logo de início um desequilíbrio estrutural, e toda evolução posterior dos acontecimentos consiste num empenho em restabelecer o equilíbrio perdido, objetivo que, em geral, só se atinge nos capítulos finais. (MACHADO, 2000, p. 84)

O fato é que este gênero narrativo conseguiu se tornar um legítimo produto cultural brasileiro, se popularizando fora do país a partir de suas exportações. E, principalmente, passou a fazer parte do cotidiano dos brasileiros ao estar bastante presente nas conversas corriqueiras dos brasileiros, como denota Solange Lima, “quantas expressões verbais, gestos, objetos da moda usados pelos atores da novela do momento são apropriados permanecendo [...] incorporados nos hábitos das pessoas.” (LIMA, 2000-2001, p. 90).

Mesmo que nos últimos anos tenham ocorrido mudanças nos hábitos dos telespectadores brasileiros, devido a popularização da tvs por assinatura e tvs on demand, como o Netflix, visto que, são opções que permitem uma maior personalização de programação (levam em consideração a disponibilidade de tempo do telespectador; maior variedade na programação; ausência de comerciais, etc.), que resultaram numa queda da audiência da programação da tv aberta, ainda notamos o quanto as novelas ainda são presentes no cotidiano dos brasileiros através de, por exemplo, comentários e memes<sup>4</sup> presentes nas redes sociais.

Isto posto, tomamos este gênero narrativo como objeto para analisar as diferenças nas representações de empregadas e mordomos, pautadas principalmente em estereótipos ligados a marcadores que perpassam o emprego doméstico como: gênero, raça/etnia e capital cultural/classe. Assim o critério de escolha das novelas foi as que tiveram personagens empregadas e/ou mordomos considerados marcantes ou representativos em determinadas questões, sendo estas, *Cheias de Charme* (2012), *Laços de Família* (2000-2001), *Mulheres Apaixonadas* (2003), *Senhora do Destino* (2004-2005), *Dancin Days* (1978), *Fina Estampa* (2012), *Roque Santeiro* (1985), *A Favorita* (2009-2009) e *Avenida Brasil* (2012).

## **2. Diferenças nas representações do trabalhador doméstico em novelas brasileiras**

A telenovela brasileira constitui um gênero narrativo seriado que “conquistou reconhecimento público como produto artístico e cultural e ganhou visibilidade como agente central do debate sobre a cultura brasileira e identidade do país.” (LOPES, ano, p. 12). Possui um determinado tempo e formato a ser cumprido, e por esse motivo, assim como outros produtos midiáticos, necessita se valer de estereótipos para que as tramas,

---

<sup>4</sup> Frases, cenas, diálogos tirados fora do seu contexto original e utilizado pelos usuários das redes sociais para especificar, exemplificar ou fazer gozação de situações cotidianas, geralmente utilizada no sentido humorístico,

conjuntamente com o perfil de cada personagem, sejam de fácil reconhecimento e interpretação pelo público. Gamarnik define os estereótipos como

[...] una representación repetida frecuentemente que convierte algo complejo en algo simple. Pero hay otras características que ayudan a complejizar este concepto: es un proceso reduccionista que suele distorsionar lo que representa, porque depende de un proceso de selección, categorización y generalización, donde por definición se debe hacer énfasis en algunos atributos en detrimento de otros. Simplifica y recorta lo real. Tiene un carácter automático, trivial, reductor.

Los estereotipos son conceptos de un grupo, lo que un grupo piensa de otro o de otros. Lleva necesariamente implícito en su existencia un consenso. A través de la simplificación y la generalización, nos permiten organizar la información del mundo que nos rodea. Sirven para establecer marcos de referencia y son una forma de orientar nuestras percepciones. (GAMARNIK, 2009, p. 92)

Com isso, notamos que o uso dos diversos estereótipos na representação dos trabalhadores domésticos se relacionam com os marcadores ligados a essa profissão, mas que também, em certo sentido, contribuem para perpetuá-las socialmente. E estes se estão associados a algumas problemáticas presentes na sociedade brasileira como questões de gênero, sexualidade, raça/etnia e classe. Nesse sentido, apesar dos personagens empregadas e mordomos apresentarem algumas similaridades de estereótipos em sua representação por se encaixarem numa mesma categoria de trabalho, estes apresentam muito mais diferenças de representação relacionadas as questões já mencionadas.

*Cheias de Charme* trata-se da primeira novela brasileira que teve como tema principal o emprego doméstico, exibida num contexto de ganhos de direitos para a classe e que teve seu caráter de intervenção social. A novela manteve um site com informações dos direitos das trabalhadoras divulgado por meio de uma campanha publicitária<sup>5</sup> em parceria com a ONU Mulheres e Organização Internacional do Trabalho (OIT), estrelada por personagens da novela e transmitida durante sua exibição e também no restante da programação da Rede Globo. Nesta vemos diversas situações que remetiam ao cotidiano da relação patroa/empregada doméstica e ao contexto na qual estava encaixada, demonstrado pelos conflitos gerados pela ascensão social das empregadas principais da trama, Penha (Taís Araújo), Cida (Isabelle Drumond) e Rosário (Leandra Leal), que através da fama denunciaram as explorações que sofriam e deram força para a luta das empregadas pela conquista de seus direitos.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/globocidadania/nas-novelas/noticia/2012/10/cheias-de-charme-valorizou-o-trabalho-das-empregadas-domesticas.html> Acesso em 18 de julho de 2015.

Nesta percebemos estereótipos recorrentes em suas personagens empregadas principalmente no que se refere a questão racial/étnica. Há a presença substancial de empregadas negras, entre elas, Penha, Gracinha (Lidi Oliveira), Jurema (Olívia Araújo) e Valda (Dhu Moraes). Gracinha era uma babá constantemente assediada por Alejandro (Pablo Bellini), marido de umas das patroas, que, inclusive, tirava fotos escondidas suas. Penha, uma das protagonistas, era uma mulher com vida sofrida, que sustentava sozinha seus irmãos, seu filho e ainda o ex-marido preguiçoso, sofreu agressão física e moral da cantora Chayene (Cláudia Abreu) e também foi assediada por Alejandro, marido da patroa com que Penha mais teve afinidade, a personagem Lygia (Malu Galli). Jurema empregada, amiga de Penha e sem grande expressão em suas cenas. E Valda, trabalhava para família Sarmiento há mais de 30 anos, morava na casa dos patrões e já idosa não questionava os desrespeitos trabalhistas que sofria. Em sua pesquisa sobre personagens negros nas telenovelas, Solange Lima percebeu alguns pontos de recorrência para estes entre eles o emprego doméstico. A autora aponta alguns estereótipos comuns que as empregadas negras são representadas nas novelas.

Como nas décadas de 70 e 80, as empregadas domésticas da década de 90 são mantidas de modo constante e recorrente. Sempre presentes nas telenovelas, apresentam variações: herdeiras das mucamas, das amas-de-leite, bisbilhoteiras, irreverentes sem “saber o seu lugar”, submissas, objeto do desejo dos patrões. [...] A relação de fidelidade/subserviência entre patrões brancos e empregados negros, herdada da sociedade patriarcal, se reproduz nas tramas atuais e urbanas e constituiu uma das permanências encontradas nesta pesquisa. (LIMA, 2000-2001, p. 92)

No que tange a questão do assédio, recorrente em diversas narrativas, podemos notar sua relação com o estereótipo hipersexualizado que essas personagens carregam, especialmente se forem representadas por atrizes negras ou mestiças. visto que, por mais que a hipersexualização da mulher seja notória em nossa sociedade, para as mulheres negras é ainda mais potente, pois “um dos estereótipos mais conhecidos, explorados, decantados em prosa e verso, é o da mulher negra sensual, a mulata, termo que se tornou um signo para invocar sensualidade e outros atributos a ela ligados.” (idem, p. 93). As personagens trajam uniformes ou roupas curtas, decotadas, que marcam o corpo, são jovens, com corpo curvilíneo e o assédio dos personagens patrões é naturalizado como algo normal, que uma hora ia acontecer, por culpa da empregada. Nesse caso, notamos além das personagens Gracinha e Penha de *Cheias de Charme*, a personagem Ritinha (Juliana Paes) em *Laços de Família* (2000-2001), extremamente sensualizada e insinuante, empregada da

casa de Alma (Marieta Severo). Ritinha era assediada constantemente por Danilo (Alexandre Borges), marido de sua patroa, com que acabou tendo um envolvimento e deste resultou uma gravidez. Enquanto o final de Ritinha foi a morte no parto, Danilo seguiu vivendo sua vida de mordomias ao lado de sua esposa mais velha que aceitou criar os filhos frutos dessa traição. Outro exemplo é a personagem Zilda (Roberta Rodrigues) de *Mulheres Apaixonadas* (2003), importunada pelo filho adolescente de seus patrões, Carlinhos (Daniel Zettel), até que finalmente passou a corresponder as investidas do garoto que perde sua virgindade com a empregada – situação bastante recorrente desde a época da escravatura no qual o adolescente menino da casa mantinha sua primeira relação sexual com uma negra escravizada.

Com isso, a empregada torna-se um ator social fetichizado na sociedade e mesmo em *Cheias de Charme*, na qual houve uma pequena mudança nesse sentido pois a personagem Lígia larga Alejandro ao flagrar sua traição com a empregada Brunessa (Chandelly Braz), podemos notar a reprodução disto. O clipe *Vida de Empreguete* “mobiliza alguns dos estereótipos problemáticamente associados à profissão por meio de figurinos de empregadas domésticas fetichizadas, com o uso do avental curto com cinta-liga.” (MACEDO, 2012, p. 10)

Por outro lado, no que concerne aos empregados homens, os personagens negros são reservados principalmente para os cargos de motoristas, jardineiros, limpadores de piscina, enquanto o mordomo em sua maioria é representado por atores brancos. Por se tratar do chefe dos serviços ou uma espécie de secretário de personagens ricos, é representado com o estereótipo mais elegante, sério, reservado, que dominam as normas cultas da língua portuguesa, ao contrário das empregadas que geralmente seguem a linha do humor e que fogem da norma culta em suas falas. Muitas das vezes são misteriosos e escondem segredos, como o personagem Alfred (Ítalo Rossi) de *Senhora do Destino* (2004-2005) que era o verdadeiro pai do rico empresário Leonardo (Wolf Maya), criado como filho dos patrões.

No que tange a sexualidade desse empregado, ela é menos acentuada que nas representações das empregadas, nula ou abordada de uma forma diferente, bastante ligada a homossexualidade, com o estereótipo caricato do gay “afetado”, pendendo para o lado cômico. O caricato trata-se de um artifício de exagero utilizado pelo humor como uma forma de “explorar o ridículo das coisas [...] quando se desnuda um efeito” (PAVAN, 2016, p. 8) e que permitem um riso fácil por parte dos espectadores, no caso das empregadas as

narrativas apresentam o caricato das empregadas nordestinas e/ou pobres que não dominam a norma culta da língua portuguesa, são barulhentas, utilizam gírias, não dominam o capital cultural dos patrões, como é o caso da empregada Socorro (Titina Medeiros), em *Cheias de Charme*, e de Zezé (Cacau Protássio), em *Avenida Brasil* (2012).

Já como exemplo dos estereótipos de mordomos gays podemos citar Everaldo (Renato Pedrosa) de *Dancin Days* (1978), extremamente fã de Greta Garbo, estrela sueca de cinema, dizia que assistia seus filmes de joelhos; Jacinto (Cláudio Curi) de *Roda de Fogo* (1986) que mantinha um caso sadomasoquista com seu patrão, Mário Liberato (Cecil Thiré); Eugênio (Sylvio Meanda) de *Mulheres Apaixonadas* (2003) fiel a sua patroa, Estela (Lavinia Vlasak) e sem vida afetiva. E mais recentemente, o personagem Crô (Marcelo Serrado) de *Fina Estampa* (2012), bajulador de sua patroa Tereza Cristina (Christiane Torloni), manteve durante a trama o segredo de quem era o seu amante e fez tanto sucesso com o público que acabou gerando um *spin-off*, “séries derivadas de partes de suas estruturas gerais” (BALOGH, 2003, p. 103) – assim como o trio de Empreguetes de *Cheias de Charme* – em formato de filme.

Apesar dessas várias diferenças nas representações, observa-se constantemente uma subserviência, fidelidade e admiração presente tanto nas personagens empregadas quanto nos mordomos com relação às patroas (patrões), apesar de nem sempre serem bem tratadas de volta, que remete ao papel servil a qual os trabalhadores domésticos são reservados como uma forma de distinção do papel de cada um nessa relação trabalhista. Como exemplo de empregadas, temos a famosa governanta Mina (Ilva Niño) de *Roque Santeiro* (1985), trabalhava na casa da personagem Viúva Porcina (Regina Duarte) que chamava a empregada aos berros em todas as cenas, virando inclusive bordão famoso da novela. A patroa descontava em Mina suas raivas que em troca a admirava, ouvia seus segredos, lhe dava conselhos e ajudava-a em situações constrangedoras, como salvá-la de flagras que poderiam comprometer seu relacionamento com Sinhozinho Malta (Lima Duarte); a atrapalhada Socorro de *Cheias de Charme* idolatrava Chayene a chamando de “brabuleta superior”, a ajudava em seus planos mirabolantes contra as Empreguetes, dava entrevistas elogiando a patroa enquanto Chayene a chamava de “jumenta” e a colocava até mesmo em situações de risco; e a cômica Zezé (Cacau Protássio), de *Avenida Brasil*, fiel escudeira de Carminha (Adriana Esteves), vigiando tudo que ocorria na casa e repassando o que Nina (Débora Falabella) fazia para se prevenir a patroa vilã da ameaça que a outra empregada representava.

Como exemplo de mordomos servis e fiéis as suas patroas, podemos citar Laércio de *Cheias de Charme*, apaixonado por Chayene, passado pra trás pela cantora no passado – a convidou para trabalhar em sua banda, a cantora fez mais sucesso que a banda, apostou em carreira solo e o transformou em seu criado – mesmo assim continuava ao seu lado por amor aguentando vê-la com outros homens e sofrendo situações degradantes de todas as ordens. Crô admirava e seguia todos os mandos de sua patroa, a vilã fútil e mau-caráter Tereza Cristina (Christiane Torloni), que o mordomo chamava carinhosamente de “Rainha do Nilo”, esta apesar de tratá-lo com impaciência em algumas cenas deixou toda sua herança para o criado.

Porém, dentre estes personagens encontramos Silveirinha (Ary Fontoura), de *A Favorita* (2008-2009), empresário da dupla Faísca e Espoleta no passado, com o fim desta teve que se contentar com o cargo de mordomo na casa uma das ex-cantoras, Donatela (Cláudia Raia). Aparentava ser inofensivo e amigo de sua patroa, mas durante a trama revelou seu verdadeiro intuito, vingar-se da mesma aliando-se inclusive a sua rival e vilã da trama, a outra ex-cantora da dupla, Flora (Patrícia Pillar). Já *Avenida Brasil*, girava em torno de duas personagens principais, a empregada Nina/Rita (Débora Falabella) e a patroa Carminha (Adriana Esteves). Nina volta ao Brasil para se vingar de sua ex-madrasta Carminha, por ter enganado seu pai e a mandado para um lixão, se emprega em sua casa como cozinheira para vigiar a vilã e conseguir colocar seus planos de vingança em prática. Num momento de reviravolta, Nina consegue chantagear Carminha e a humilha provocando uma inversão de papéis sociais na relação patroa/empregada. Um verdadeiro jogo psicológico é instaurado fazendo com a vilã se sinta inferior, subserviente, humilhada, assim como fazia as outras empregadas da casa se sentirem. Segue a fala dessa emblemática cena proferida por Nina.

Eu vou te explicar algumas coisas sobre esse quarto que você mal conhece apesar de fazer parte da sua casa. Entra! Trata-se de um cômodo simples pouco iluminado, pouco arejado. Mas uma patroa do seu tipo deve achar que uma empregada não precisa mais do que isso para sobreviver, não é? Temos TV, que às vezes pega, às vezes não. Se chover não pega mesmo. Vem ver o banheiro, vem! Vem cá, olha só: temos chuveiro elétrico. [...] Ih, mas não temos água quente, oh, olha só, geladinha! Porque apesar das promessas a resistência nunca foi trocada. O ralo entope formando uma poça de água que inunda o banheiro inteiro. Cuidado para não escorregar, tá bom? E o cheirinho? Oh, sente, tá sentindo? Ruim, não é? É da caixa de gordura que fica colada na área de serviço, mas com o tempo você se acostuma. [...] Sobre a cama, é uma porcaria. Mas eu vou te dar uma dica, tá? Você dorme bem assim na beirinha, no lado direito, que você nem vai



notar o estrado quebrado. Olha só. Mas cuidado, não se mexe muito, porque senão você cai e acorda no chão. Alguma dúvida?<sup>6</sup>

Em ambos os exemplos, notamos de certo modo a presença de um tema recorrente nas narrativas e nomeado por Balogh (2002) como “a vingança dos Humilhados e Injustiçados” que como o próprio nome salienta, trata-se de um enredo na qual um personagem extremamente humilhado ou injustiçado no passado sai de cena, planeja uma vingança e retorna com o objetivo de prejudicar o personagem que lhe fez mal.

Por fim, percebemos o quanto o estereótipo de ingênuas e/ou sonhadora ainda são reservados as personagens mulheres. Como a personagem Cida, de *Cheias de Charme*, cria da família Sarmiento, tal qual os filhos das antigas mucamas da casa, tentava acreditar que fazia parte da família como uma filha adotada, mas sempre teve que saber exatamente seu lugar ao servir seus “quase pais” e suas “quase irmãs”, pois “apesar de comer à mesa com os talheres [...] sua posição não é tanto a de quem está sentada à mesa com a família, mas a de quem está sentada junto à mesa, pronta para atender às ordens de serviço.” (CARNEIRO; ROCHA, 2009, p.135). Ao se apaixonar e se envolver com Conrado (Jonatas Faro), um garoto de classe alta do condomínio Casa Grande, onde morava na casa de seus patrões, precisou mentir dizendo que era filha adotiva da família para manter seu namoro. Porém foi humilhada por eles e seus amigos quando descobriram a profissão da jovem. Já a personagem Rosário, sonhadora e obstinada em ser cantora, sofreu diversas humilhações por parte de Chayene quando trabalhou em sua casa, tendo inclusive que ver sua música sendo utilizada pela cantora sem citar sua autoria, quando precisou de uma quantia alta para pagar a cirurgia de seu pai.

*Cheias de Charme*, novela mais exponencial para o artigo por se concentrar primordialmente na relação patroa/empregada, tratou com humor as explorações sofridas pelas empregadas e demonstrou uma possível volta por cima, baseada em outro tema recorrente apontado por Balogh (2002) como “transfiguração de Cinderela” o qual

[...] trata-se de quase sempre de uma moça com muitas qualidades ou potencial, mas limitada pela pobreza, falta de cultura ou meios em geral. Só o surgimento de um príncipe e a ajuda de uma fada-madrinha, ou quaisquer equivalentes modernos, podem ajudá-la a dar um salto e levá-la a uma transfiguração que revelará a plenitude de seu ser. (BALOGH, 2002, p. 82)

---

<sup>6</sup> Fala da personagem Nina no capítulo 105, exibido no dia 27 de julho de 2015. Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/avenida-brasil/t/cenas/v/nina-tranca-carminha-no-quarto-de-empregada/2058663/>. Acesso em 4 de setembro de 2015.

Este demonstrado por meio da ascensão social conquistada pelas antigas empregadas ao constituírem o trio musical de sucesso *Empreguetes*, que como já citado, serviu de inspiração para outras empregadas. Ainda assim a novela não deixou de reforçar o estereótipo do amor romântico e heteronormativo que as mulheres devem cumprir na sociedade, mesmo que estas tenham conquistado sucesso profissional. Como exposto por Iara Moura (2013):

O amor como pressuposto para o sexo, a postura recatada, a busca pelo amor romântico e a manutenção de valores e condutas condizentes com a família tradicional e heteronormativa caracterizam, de uma maneira geral, as empreguetes. No último capítulo da novela, Penha reconcilia-se com o ex-marido, Rosário e Cida se casam enquanto a primeira anuncia para o noivo que está grávida. A felicidade, assim, é completada, quando, além da emancipação no campo do trabalho, na conquista pelo espaço público, elas conquistam o que seria o ápice na vida de qualquer mulher: casamento e filhos. (MOURA, 2013, p. 6)

No que se refere aos mordomos, não percebemos esse final reservado as empregadas mulheres, constituído por casamento e filhos. No geral, a família destes nem é mostrada. Para eles são reservados a revelação de seus segredos, parcial ou integralmente, prosseguimento de sua carreira profissional ou ganho de dinheiro, ao herdarem heranças ou mansões de suas patroas. Nessa perspectiva de diferenças de representações de profissões entre homens e mulheres, Michele Perrot destaca:

Se a complementariedade dá conta de uma realidade em que a associação da mulher e do homem revela-se necessária, ela apaga o fato de que a distribuição de tarefas possui, apesar de tudo, um pólo positivo e um pólo negativo e de que nela contém um sistema de valor hierárquico. (PERROT, 2001, p. 12)

Isso demonstra que mesmo tratando-se de uma mesma ocupação, a divisão sexual de tarefas ainda é problemática, pois aponta que um desses atores ainda possui vantagens na sociedade, independente de sua profissão, por conta de seu gênero.

### **3. Considerações Finais**

O serviço doméstico é visto e tratado como um trabalho subvalorizado, servil e repleto de tensionamentos e ambiguidades. Com as reconfigurações nos direitos trabalhistas das empregadas domésticas a partir de 2012, a relação patroa/empregada(o) passou por algumas mudanças e notamos algumas mudanças nas representações desse ator social, principalmente nas novelas *Cheias de Charme* e *Avenida Brasil*. Isto ocorre pelo fato de

que “as representações não apenas variam dentro das diferentes épocas e culturas, mas também espelham vivências específicas de determinadas sociedades.” (FRANÇA, 2004, p. 4).

No entanto, ainda notamos o quanto alguns estereótipos ainda são reforçados nesses personagens por conta da presença pontual de marcadores sociais que perpassam essa profissão. Todavia, nesse artigo a questão de gênero se mostra como primeira e principal nessas diferenças de representações dos empregados.

Nesse sentido, demos ênfase principalmente para as empregadas domésticas, foco da pesquisa de mestrado da autora. As mulheres ainda precisam conciliar dois universos, o doméstico e o profissional, contando com a ajuda de outras mulheres, pois o cuidado do lar/filhos ainda é naturalizado como tarefa feminina, além de ainda terem que lidar com a questão da hipersexualização, assédio masculino e cobrança da sociedade pelo casamento heteronormativo. Lutas pelas quais o movimento feminista vem questionando e problematizando até o momento atual.

Enquanto os mordomos, por mais que estejam num papel servil, pelo fato de serem homens, sua sexualidade é representada de forma bem mais sutil ou nula, no geral, sem insinuações e cenas de sexo com patrões e quando são homossexuais, seus romances ficam apenas na fala. Esse personagem não precisa conciliar o universo do trabalho e da família, pois muitas das vezes sua família nem é mostrada ou citada.

A diferença nas representações de empregadas e mordomos demonstra o quanto essas questões naturalizadas, algumas vezes interligadas ou acentuadas por outras como a questão racial/étnica e de classe, precisam ser discutidas num âmbito acadêmico, por isso trata-se de uma pertinência na pesquisa de mestrado da autora. A escolha pela análise das novelas se deve pelo fato destas em “suas histórias, suas tramas, [...] [revelarem] a ‘matriz experiencial’ que são os nossos dramas sociais.” (GOMES, 1998, p. 26).

Nesse interim, só poderemos notar diferenças nas representações e papéis destinados as mulheres, sejam elas empregadas ou não, quando ocorrerem mudanças significativas nesse sentido na sociedade. Logo, os estereótipos utilizados também mudarão pois estarão em consonância com o momento histórico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALOGH, Ana Maria. **O Discurso Ficcional Na TV: Sedução e Sonho em Doses Homeopáticas**. São Paulo: EDUSP, 2002.

CARNEIRO, Maria Teresa; ROCHA, Emerson. **“Do Fundo do Buraco”**: o drama social das empregadas domésticas. In: SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira: quem é e como vive**. Colaboradores: André Grillo ... [et al.] – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FRANÇA, Vera Regina V. **Representações, mediações e práticas comunicativas**. In: PEREIRA, Miguel et all. (orgs.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

GOMES, Laura Graziela. **Novela e Sociedade no Brasil**. Niterói, RJ: EdUFF, 1998.

GAMARNIK, Cora Edith. **Estereotipos sociales y medios de comunicación: un círculo vicioso**. *Question 1*, 2009.

LIMA, Solange Martins Couceiro de. **A personagem negra na telenovela brasileira: alguns momentos**. *Revista USP*, São Paulo, n.48, p. 88-99, dezembro/fevereiro 2000-2001.

LOPES, Maria Immacolata. **A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação**. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 25, p. 17-34, janeiro/abril 2003.

MACEDO, Renata Guedes Mourão. **A ascensão da “gata borralheira”**: uma discussão sobre a recepção da telenovela *Cheias de Charme* entre empregadas domésticas. Trabalho apresentado no I Encontro Nacional de Estudos do Consumo II Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo Vida Sustentável: práticas cotidianas de consumo. Rio de Janeiro, 2012.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

MOURA, Iara Gomes. **De empregada a “empreguete”**: Das lutas simbólicas na televisão brasileira. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Anais Eletrônico. Florianópolis, 2013.

PAVAN, Ricardo. **Representações Identitárias na Cultura Midiática – O Lugar do Estereótipo na Produção Humorística**. *Anais da Compós*. Vol. 25. 2016.

PERROT, Michele. **A História das Mulheres. Cultura e Poder das Mulheres: Ensaio de Historiografia**. *Revista Gênero*, Niterói, n.1, v. 2, p. 7-20, 2º sem 2001. (Originalmente publicado em 1968).

SILVEIRA, Liane Maria Braga da. **Como se fosse da família: a relação (in)tensa entre mães e babás**. 1º ed. Rio de Janeiro: E-papers: FAPERJ, 2014.